

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director : ALFREDO C. DE F. ALVIM

ASSIGNATURA

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Para o Brasil — Um anno..... 10\$000

SUMMARIO:

—	Uma medida que se impõe	Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
J. B. de Mello e Souza	Um discurso	Celina Padilha.....	Historia
Maria R. Campos...	Educação Nacional	Othello Reis.....	Geographia
José Oiticica.....	Syntaxe illogica	Sebastiana Figueiredo	Arithmetica
Mestre-Escola.....	Tres palavrinhas		

UMA MEDIDA QUE SE IMPÕE

Acha-se em discussão no Congresso Nacional um projecto, de iniciativa do illustre senador Mendes Tavares, que só pôde merecer o applauso dos que conhecem o valor da Escola Normal do Districto, velho e conceituado estabelecimento que, embora algumas vezes, por via de administrações menos severas, tenha dado motivos a algumas serias censuras, ha já algum tempo se impõe ao respeito de todos pela moralização absoluta de seus exames, pelo zelo de seus professores e provado aproveitamento dos discentes. Já accentuámos em tempo que nos concursos mais apertados que se realizaram em varias repartições têm as normalistas diplomadas conquistado galhardamente os melhores postos, o que dá com alguma aproximação o indice de tal aproveitamento.

Nada mais justo, portanto, do que reconhecer o governo federal a validade dos exames prestados em tão reputado instituto, em pé de igualdade com os effectuados perante o Collegio Pedro II, os Collegios Milita-

res e os estabelecimentos officiaes dos Estados.

Accresce ainda que, como foi frisado na justificação do projecto, os mesmos professores exercem actualmente, por uma justa selecção, o magisterio no Pedro II e na Escola Normal.

A concessão da validade de taes exames facilitará enormemente o proseguimento de estudos superiores por alumnas diplomadas que não obtenham immediata collocação no magisterio municipal. Já são actualmente muitissimo numerosas as diplomadas em semelhantes condições, pois são limitadissimos os quadros e não deixa de ser iniquo obrigar a repetir todos os exames perante juntas federaes, constituídas em geral daquelles mesmos que foram seus professores, as que pretendam ingressar nas escolas superiores, onde novos horizontes se lhes deparam.

Fazemos, pois, sinceros votos no sentido de que chegue a bom termo o projecto em discussão, que vem fazer justiça a um instituto digno de nosso maior apreço.

I - Idéas e Factos

Um bello discurso

Depois de brilhantes provas publicas, acaba de ser nomeado professor cathedratico de Historia Universal do Collegio Pedro II o Dr. João B. de Mello e Souza.

Publicamos, em seguida, o famoso discurso que esse nosso illustre collaborador pronunciou, por occasião de sua posse.

Eis o discurso :

“O bom filho á casa torna”, ensina a sabedoria popular. Firmando-se nesse conceito, diz-me a consciencia que, se outros attributos me fallecem, o esforço que empreendi para voltar ao seio deste tradicional instituto de ensino, prova que, como filho intellectual do Collegio Pedro II, eu não fui máo filho.

Um conto popular do velho Egypto, que Maspero nos transmite e Gardiner confirma, refere as aventuras do joven Sinouhet, que deixou a côrte onde vivia, e a patria, em demanda de terras e cidades remotas. Ao cabo de accidentada viagem, foi ter ao Lotanú superior, e alli se tornou hospede de um bondoso *heka* ou potentado local, que o acolhera com estas palavras confortadoras: — Espero que te sintas bem aqui, meu amigo, porque frequentemente ouvirás fallar do Egypto.

Eis, porém, que passa o tempo; e o forasteiro, embora houvesse prosperado nas terras distantes, onde o fixara o destino, levado pela nostalgia, solicitou ao poderoso monarcha Senuret I, a graça de voltar ao Egypto e á côrte de seus antepassados.

“E sua majestade”, — é o gravé Maspero quem nol-o affirma — “sua

majestade fez-lhe um bom acolhimento, mas não desprovido de ironia: — Eis que voltas, enfim, depois de percorreres paizes estranhos e de atravessares desertos!”

Permitti, senhores, que eu compare meu caso pessoal ao do aventureiro egypcio de outras éras. Ha pouco mais de vinte annos (em janeiro de 1906) recebia eu o gráo symbolico de bacharel pelo então Gymnasio Nacional e despedia-me deste tradicional estabelecimento, onde havia passado seis annos, dos mais alegres de minha vida.

Mezes depois, com a bagagem intellectual que daqui levava, foi-me relativamente facil a conquista de um logar no funcionalismo federal. Assim logrei obter, ha exactamente 20 annos menos cinco dias, o posto que, sem brilho mas com o desejo sincero de cumprir meus deveres, exerci até a data de hontem. Por felicidade minha fui servir precisamente na secção que tinha a seu cargo os assumptos attinentes ao ensino; e alli, recebido com paternal carinho por meus superiores hierarchicos e com sympathia pelos collegas, soube com real satisfação, que teria ensejo de zelar pelos interesses dos institutos de ensino, inclusive o Gymnasio, dentro da esphera, acanhada embora, de minhas attribuições.

Não era, porém, a burocracia a carreira visada por meus ideaes de adolescente. Não que a considere um deserto arido, segundo a comparação acima iniciada. Ao contrario, só tenho motivos para deixar com sauda-

de os meus excellentes companheiros de trabalho e a vetusta Secretaria de Estado a que dediquei minha actividade como funcionario.

Mas, a administração era, seguramente, um paiz estranho, posto que cheio de attractivos, no qual eu me sentia apenas itinerante.

Em uma de suas mais bellas paginas, o nosso inolvidavel Joaquim Nabuco assegura que o traço todo da vida é para muitos um desenho da criança, esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir, sem o saber.

A pequena escola primaria que minha mãe dirigia em Queluz, de São Paulo, minha terra natal, exerceu, em minha vida, a influencia que o engenheiro de Massangana teve na do grande paladino da abolição.

A casa onde nasci e passei a infancia e a meninice, era, com effeito, uma escola publica.

Diariamente eu assistia aos trabalhos lectivos, ouvia canticos patrioticos, interessava-me, o quanto m'ò permittia a idade, pelas cousas do ensino.

Não posso nem devo attribuir a outra causa o invencivel pendor que desde cedo manifestei pelo magisterio e, em particular, pelo que diz respeito aos problemas do ensino primario. Lembro-me do quanto invejava, no bom sentido, aliás, — os meus parentes e conhecidos que se diplomavam pelas escolas normaes do Estado e eram nomeados professores em longinquos logarejos, que (só mais tarde comprehendí) os interessados consideravam verdadeiro degredo. Destinava-me, porém, meu pae, a este Collegio, que era então, como ainda hoje, o instituto modelar do ensino secundario no Brasil.

Quando tive o prazer de assistir á posse do meu distincto collega Quin-

tino do Valle, commoveu-me sobremaneira o acolhimento dado ao velho professor, que havia preparado e trazido á prova de admissão o menino que havia de conquistar mais tarde e galhardamente o logar que ora occupa, nesta douta congregação.

Eu, infelizmente, não posso fazer o mesmo. Quem me ensinou as primeiras letras foi minha saudosa mãe; quem me trouxe ao exame de admissão foi meu saudoso pae. A ambos, que já não vivem, bem assim áquelles que foram meus mestres neste Internato, eu devo minha formação moral e intellectual.

Lembro-me ainda, com viva saudade, de Fortunato Duarte, o profundo latinista, do qual conservo ainda alguns recados escriptos em lidimo latim e iniciado pelo carinhoso vocativo *Carissime discipule!*; de Agostinho da Gama, severo, mas justiceiro e estimado, cuja voz me parece ouvir ainda quando dizia, não a mim, mas a collegas meus: *O menino é um pateta; tem o seu gráo zero;* do velho Mattoso Maia, que tanto nos deliciava narrando episodios da campanha do Paraguay; de Sylvio Romero, com quem tive, mais tarde, tão intima camaradagem; de Oliveira de Menezes, tambem meu amigo particular; de Oliveira Bello, tão bondoso e affavel; de Araujo Lima e tantos outros que já não vivem e cujos ensinamentos tão proveitosos me foram.

Não menos grato, porém, sou aos meus queridos mestres de outr'ora, que, mercê de Deus, vivem ainda e alguns no pleno exercicio de seus misteres. Fôra ocioso fazer-lhes agora o elogio que merecem. Só por isso e tambem por não ser indiscreto no tocante revelações de idade, deixo de o citar nominalmente, mas espero me seja licito exceptuar o meu velho e querido mestre João Ribeiro, e cujas

lições despertaram em meu espirito o pendor pelo estudo da Historia.

Eis por que sou grato ao Collegio Pedro II. E não só por mim, senão porque todos os meus irmãos, seguindo o trajecto que eu fizera aqui adquiriram o patrimonio intellectual que os preparou para as lutas da vida.

Tal circumstancia augmentou o interesse que ao instituto consagrava e consagra ainda nossa familia. Em casa, tanto se fallava do Collegio, que parecia ser o collegio parte integrante de nossa casa, e esta uma dependencia do collegio.

Dahi o proposito que se formou em meu espirito, de conquistar mais tarde um posto entre os meus professores de outr'ora.

Funcionario, aproveitava todas as occasões que o serviço me deixava livre para augmentar meu conhecimentos na disciplina para a qual me havia iniciado ao saber profundo do illustre sergipano que fôra meu professor nesta casa.

Antenor Nascentes, que trabalhava a meu lado, estimulava-me, involuntariamente, com o exemplo.

Recorda-me muito bem, e elle não menos, de que, vae para 18 annos talvez, nós ambos, desembaraçados do expediente a nosso cargo, mas presos pela tyrania do *ponto de sahida*, nos punhamos a ler e a anotar nossos livros: elle, ás voltas com as transcendencias da triplice conjugação dos verbos gregos, e eu interessado em investigar a razão porque os hycsos invadiram o Egypto, quando seria muito mais louvavel que se contentassem lá com a sua Hycsolandia.

E assim foi que me preparei para a rude peleja de um concurso em cujas provas, todavia, na minha invencível timidez, eu só pensava com certo receio de que não fossem sufficientes para tão alta investidura. Precedeu-

me, porém, o meu ex e actual collega Nascentes, e eu me persuadi de que as paredes de uma secretaria não constituem barreira intransponivel para quem se esforce com tenacidade em transpol-as.

Espero me releveis, senhores, estas referencias de natureza pessoal em que egoisticamente me alonguei.

Era meu desejo, *et pour cause*, expôr os motivos que me permittem crer que não sou um egresso da burocracia, que, devido a circumstancias occasionaes, teve ensejo de pleitear um posto entre os dignos professores do Collegio Pedro II.

Trouxe-vos o meu depoimento: expuz-vos em ligeiros traços a minha folha còrrida, para tranquillizar a meus illustres collegas com relação aos propositos de que se acha animado o novo companheiro a quem hoje recebem de modo tão captivante e desvanecedor.

A todos asseguro o tributo de minha sincera e imperecivel gratidão; e mui particularmente ao illustre professor Delpech, que acaba de me dar as boas vindas, proferindo a bella saudação que ouvistes, tão delicada quanto á forma, quanto profunda pelos sabios conceitos que encerra.

Não concordo, porém, meu caro collega, professor Delpech, com o que dizeis a vosso proprio respeito, quando vos comparastes ao anjo que, com espadas chammejantes, vedava o ingresso no jardim sagrado.

Vossa acção no concurso de Historia Universal — que constituiu, realmente, segundo voz unanime, uma das mais impressionantes revelações do certamen; a erudição que mostrastes possuir, a elevação em que vos mantivestes sereno e a imparcialidade de vossas decisões, tudo isso está a nos dizer que não fostes alli uma figura terrifica, *monstrum*, hor-

rendum ingens, lumen ademptu, mas sim um juiz inflexivel, mas integro, de ethica irreprehensivel e vasto saber.

Coube-vos, agora, receber-me bem, mas *com ironia*, exactamente como o pharaó acolheu ao aventureiro Sinouhet da lenda.

Em que consiste essa ironia, porém? Em haverdes procurado fazer crer a mim e a este auditorio, que eu lograrei conduzir o facho de luz da fórmula grega, com o mesmo denodo de que deram provas quantos me antecederam na cathedra que passo a occupar.

Agradeço-vos a intenção, caro

collega; agradeço a todos vós, illustres professores, visto que em vosso nome me fallou elle.

Só uma esperança, porém, me alenta e anima, no momento em que assumo tão grave a responsabilidade perante a minha consciencia, a sociedade e a Patria: é a esperança de que a Providencia me dê forças para não desmerecer da expectativa com que sou recebido, e poder, finda a tarefa, transmittir o facho de luz a quem continue a conduzi-lo com o mesmo sincero desejo que sinto, de concorrer para a elevação intellectual e moral da mocidade de minha terra."

Expediente

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer epoca, pelo preço de 10\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174—Rio de Janeiro.

As collecções dos annos anteriores são vendida na mesma redacção ao preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 13\$000 em volumes cartonados. Os pedidos de collecções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

EDUCAÇÃO NACIONAL

IV

O PROFESSOR

Quando nas nossas rodas intellectuaes se fala ou se cuida em educação nacional surge sempre em primeiro plano a questão do ensino primario, ensino de que depende o nosso futuro como nação, visto que é base indispensavel para qualquer construcção de ordem social. E como actualmente se vae intensificando cada vez mais em nossa terra o movimento em prol da educação, florescem idéas e planejam-se committimentos, com o intuito de alargar em numero e ampliar em requisitos de effi-ciencia o nosso ensino de primeiras letras.

Entretanto, justamente por ser o problema de educação popular o mais importante que temos a resolver e por consubstanciar-se no ensino primario a primeira e mais necessaria forma de tal educação, acontece que na realidade precisamos de nos preoccupar talvez mais seriamente ainda com outro ramo de ensino, sem o qual nada faremos em materia de instrucção primaria, e que é o ensino normal.

Em mau predio, com falta de material, com mau programma e submettido a maus dirigentes, ainda assim o bom mestre faz obra util, de educação e ensino. E isto não é proposição a demonstrar, senão verdade provada e verificada no Districto Federal. Não se consegue, entretanto, por melhores que sejam as condições de installação, por mais apropriados programmas e material que se utilizem e por maior competencia de direcção — que o mau professor dê aulas verdadeiramente uteis, e proveitosas.

O mestre imprime á sua obra, como artista que é, o seu cunho pessoal: cultivando intelligencias e burilando ca-

racteres elle transmittre sempre um pouco da sua alma á materia prima que tem a afeiçoar, communicando-lhe ao mesmo tempo a scintilla mais ou menos vibrante que anima o seu intellecto.

Elle é o agente educativo por excellencia e tudo quanto, além d'elle, entra na acção de educar, nesse «preparo para a vida completa» como diz Spencer, é elemento auxiliar, é subsidio, é de ordem secundaria.

O bom mestre suppre até certo ponto as deficiencias materiaes que lhe tiram o conforto e a desapoiam. Sobre-põe-se ao programma mal organizado, faz-se livro, illude, mesmo sem o querer as ordens mal fundadas que recebe. E produz. O pedagogo improvisado pouco póde fazer, porque emprega mal tudo quanto de bom o cerca. desenvolve sem o preciso discernimento o programma e segue com infelicidade as normas que lhe foram apresentadas como directrizes.

Estudando as reformas a fazer no ensino, em França, disse Gustave Le Bon, referindo-se particularmente aos professores:

«C'est justement parece que toute réforme essentielle doit viser, non les programmes, mais les méthodes, que les projets proposés devant l'enquête ont si peu d'intérêt». Depois: «Supposons en effet que, par une puissance magique, les obstacles que nous avons vu se dresser devant les réformes aient disparu... Tout, pensez vous, va changer. Rien, absolument rien ne pourra changer. Et pourquoi? Simplement parce que l'état mental des professeurs créé par les méthodes universitaires

res n'est pas modifiable. Formés par ces méthodes, ils sont incapables d'en comprendre d'autres. Certes ils accepteront docilement, comme ils les ont acceptés jusqu'ici, les changements de programmes... mais ils continueront à enseigner comme ils l'ont toujours fait, parcerquils ne pourraient enseigner autrement.»

Eis a asserção categorica de uma das grandes mentalidades da França contemporanea a favor da reforma do methodo, e isso porque este é o desdobramento palpavel, é a exteriorização da entidade do professor e, pois, reformados quaesquer elementos accessorios, de ensino, o docente permanece o mesmo e continua a leccionar como aprendeu e como sabe, annullando com a força de sua acção realizadora toda e qualquer influencia progressista oriunda de outras fontes.

Isso corresponde á exaltação da personalidade do mestre, redundando em asseverar que é elle, quasi exclusivamente, quem faz o ensino; e assim como, mal preparado, ensinará mal, logicamente se ha de admittir a reciproca de que, com habilitação conveniente, produzirá obra de qualidade superior.

Edmond Demolins, fundador da escola des Roches, importantissimo estabelecimento de ensino, traça-nos um quadro interessante do verdadeiro mestre, descrevendo o modo de ser e de agir dos professores inglezes, cuja obra educativa enaltece.

«En somme, diz elle, dans ce type d'école on cherche et on trouve, comme professeur, un homme plus complet, c'est à dire, ayant des connaissances littéraires et scientifiques variées et, de plus, doué d'aptitudes physiques supérieures.»

«Ce professeur reproduit bien plus exactement que le nôtre le type d'un père de famille suffisamment instruit pour pouvoir initier ses enfants aux divers ordres de connaissances et suffisamment alerte pour pouvoir s'associer à leurs jeux en s'y montrant supérieur à eux.»

«Ce type est donc plus naturel, par conséquent plus vrai et plus efficace; le nôtre est plus artificiel, il est fabriqué exclusivement par l'école, mais il ignore trop la vie et y est mal adapté. Or il ne s'agit pas seulement d'enseigner à l'enfant ce qui est dans les livres, il faut encore lui enseigner ce qui est dans la vie et ce qui est en réalité la vie.»

Temos, pois, em poucas linhas, a palavra de Le Bon a dizer-nos que no ensino o que importa é o professor acima de tudo, e outra opinião igualmente abalisada apresenta-nos uma dilatação do campo operatorio do mestre, que lhe torna ainda mais completa a funcção: ensinar aos alumnos não só o que está nos livros, isto é, ministrar-lhes conhecimentos scientificos, artisticos e literarios, mas tambem o que faz parte da vida, e o que é esta na realidade.

Ambos esses conceitos, aliás, veem superiormente expostos pelo Dr. Carneiro Leão na introducção aos novos programmas de ensino primario, onde se lê, em relação á escola:

«A escola hoje tem de ser uma organizadora social. Ella deve encorajar, preparar para a vida que as necessidades actuaes nos impõem... Respondendo ás necessidades sociais os programmas hão de conduzir a formação da infancia e da juventude, para tornar a vida do paiz mais equilibrada, mais prospera e mais feliz. Dahi a urgencia crescente de approximar a escola da vida real, fazer com que dentro da classe se aprenda a viver, e seja a vida de todos os dias o material com que a escola trabalhe.»

E quanto ao professor:

«Por melhor que seja um programma, o seu valor está muito menos na escolha e na distribuição das materias do que nos methodos adoptados e sobretudo na capacidade, na intelligencia e na acção do mestre. Um professor que ensine mollemente, sem interessar o alumno, entediando-o, ao contrario, tudo deformará. Assim a condição

primeira para o bom exito do ensino é o mestre capaz. O programma vem incontestavelmente depois».

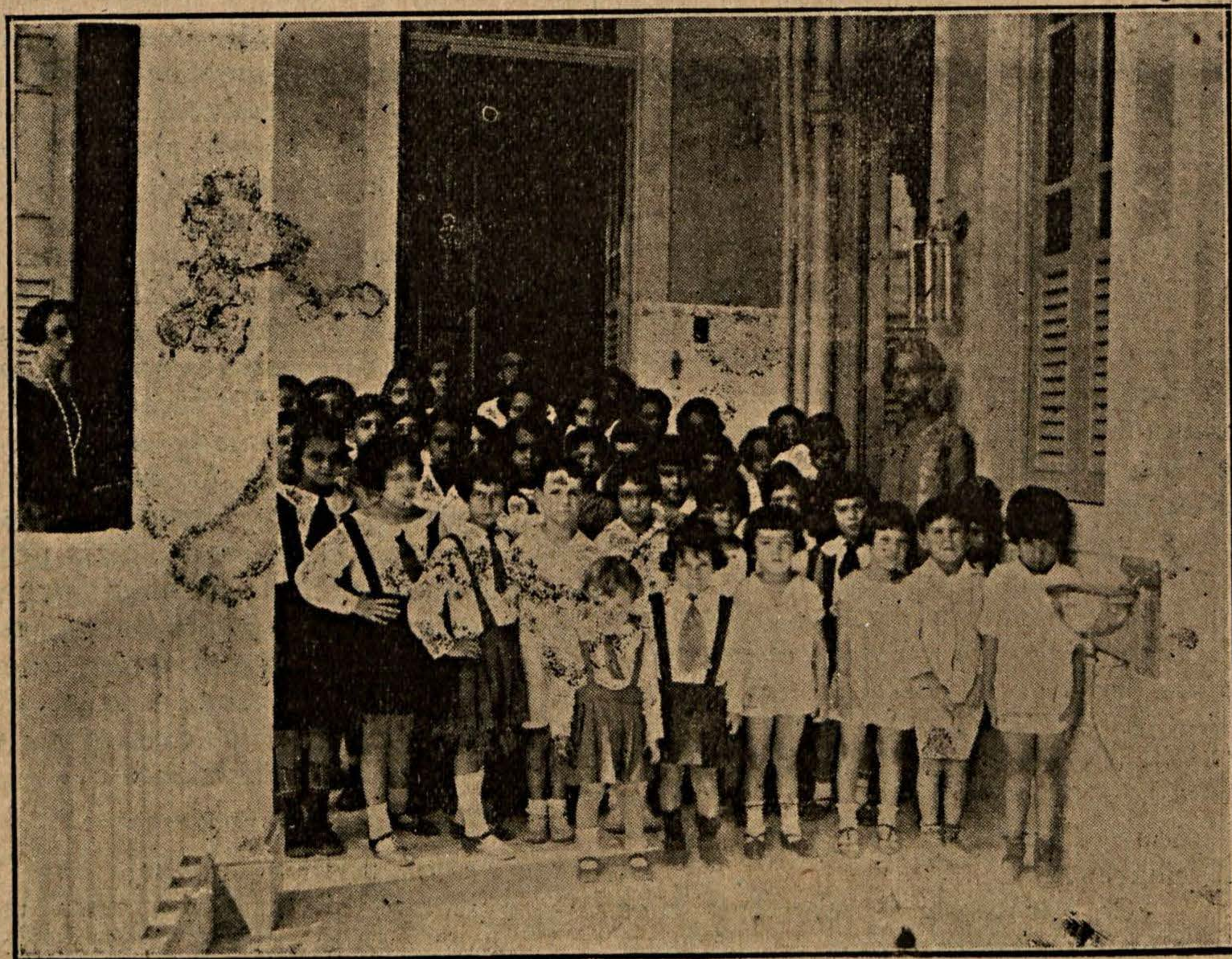
De todos os problemas, pois, relativos ao ensino primario, o de provelo de bons docentes é sem duvida o principal, porquanto se prepararmos o mes-

tre na altura de sua missão e lhe conferirmos a consideração e o tratamento que merece, elle, só por si, fará o ensino, e optimamente, bastando ás administrações o cuidado de aparelhal-o dos elementos materiaes necessarios á realização de sua obra bemfazeja.

MARIA R. CAMPOS.

Todos os professores pódem collaborar na grande campanha da tuberculose, exigindo, em sua escola, o uso da escarradeira HYGEA, de limpeza hydro-automática sem intervenção manual.

Queiram assim comprehender os nossos professores e muito contribuirão para a formação das gerações futuras.



Collegio Cardeal Arcoverde, Rua S. Cristovão, n. 71, usa a Escarradeira «Hygea»

II - A Escola

Syntaxe Illogica

(Pequena lição de português)

Distincto collega, após animada palestra sobre certas construcções classicas, incitou-me a coordenar o assumpto, não systematizado em grammaticas expositivas.

Com effeito, falam todos os compendios e programmas em *analyse logica*, decomposição do periodo em proposições concatenadas, e discriminação, na sentença, das funcções syntacticas, cujo quadro previamente conhecemos.

Succede, entretanto, que, nessa analyse, frequentemente estacamos sem lhe poder achar sequencia ou disposição preestabelecida.

E' que a linguagem segue, muitas vezes, por atalhos abreviantes. Prepondera sempre a *lei do menor esforço* que nos leva a contracções, ellipses, syllepses, ligações violentas, coisas todas avessissimas á logica, mas constantes na psychologia da fala.

Já não me refiro á quebra logica da phrase ou *anacoluthia* estudada nas grammaticas e sabida de toda gente. Enquadra-se ella perfeitamente naquillo a que chamamos *syntaxe illogica* e é certamente seu mais extenso e importante capitulo, onde aliás muito ha que respirar ainda.

Nem tão pouco me refiro aos casos de syllepse, corriqueiros nos cursos de português.

Viso outras construcções onde figuram deslocamentos quasi imperceptiveis, connexões estranhas, aparentemente normaes, e que tanto embaraçam alumnos, professores e commentadores.

Vamos vêr, um pouco desordenadamente neste improvisado artigo, exemplos varios e instructivos:

Consideremos a seguinte phrase dos *Lusiadas* (I,3):

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram.

A simples leitura nada percebe de anormal. Se, porém, quizermos dar *ordem directa* ou logica aos versos teremos isto:

“cessem as navegações grandes do sabio grego e do troiano que fizeram. E logo sentimos que, se fomos redigir tal pensamento o fariamos assim: cessem as grandes navegações que o sabio grego e o troiano fizeram”.

Não ha nesse caso *anacolutho*; ha um deslocamento de sujeito. Os substantivos *grego* e *troiano*, sujeitos da oração adjectiva, figuram na oração principal, como complementos do seu nome sujeito.

E' um caso de *transposição* identico a de outras passos:

Não foi o Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza

Lus., IV, 51.

equivalente a: “não foi tão ditoso o tempo que o Rei Duarte ficou na summa alteza”; e nest'outro:

Já lhe pergunta, prompto e curioso
Se tem noticia inteira e certa prova
Dos estranhos quem são...

Lus., VII 67

igual a “se tem prova certa de quem são os estranhos”.

Analysar *logicamente* essas phrases é impossivel, por ser a construcção dellas anormal.

Esse caso de transposição tem variantes:

E não menos co tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares

Lus., II, II

em que se analisa o pronome *te*, por falta de melhor, como objecto indirecto. A construcção logica seria, “o desejo de ouvir o que tu contares”.

Embora a phrase com dativo seja possivel: “ouviu palavras duras a Pedro”, não é admissivel tal *syntaxe* quando ao complemento se segue oração adjectiva, como: “desejo ouvir a Pedro o que diz” e sim “ouvir o que Pedro diz”.

Em III, 20, temos uma variante por *emphase*.

Este quiz o ceo justo que floreça

como se fôra: “quanto a este, quiz o céu justo que *ele* floreça”.

Em VI, 47 o deslocamento pôde induzir á interpretação errônea:

Não menos nesta terra experimentara
Namorados affeitos quando nella
A filha viu que tanto o peito doma
Do forte Rei que por mulher a toma.

onde, á primeira vista, parece o *que* relativo, quando na realidade é conjunção integrante, pois *filha* é sujeito da oração substantiva *que a filha tanto doma o peito do forte Rei*. A ordem logica seria: “elle (o duque) viu que a filha doma o peito do forte Rei tanto, que este a toma por mulher.”

Occorre ás vezes o sujeito deslocado da subordinada com varios adjuntos, entre elles orações inteiras, como em VIII, 25;

Olha um Mestre que dece de Castella,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves...

onde *Mestre*, sujeito do verbo *conquista*, deslocado da oração de *como*, arrasta o *apposto português de nação* e a *clausula que dece de Castella*.

Examinemos, em segundo lugar, outro typo de deslocamento do sujeito. E' o caso communissimo de incluir-se elle na oração subordinada se esta precede a principal:

Crês tu que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei e a seu regente?

A sequencia logica exigiria: “que esse nosso ajuntamento, se não fôra lusitano, durara...”

Exemplo notavel é o de IX, 56, onde a transposição é violenta:

Encosta-se no chão que está caindo
A cidreira cos pesos amarells...

Raras vezes, o sujeito de orações alternativas se desloca para dentro de uma dellas, como em VI, 80:

Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céu subia.

Mais interessante é o deslocamento do sujeito de uma subordinada para outra subordinada. Dá-se isso, *verbi gratia*, em VIII, 32;

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve
Ouvir quizeres como se nomeia...

O sujeito de *nomeia* está incluso na oração condicional: “se quizeres ouvir como *quem* se atreve...se *nomeia*”. E' que a oração de ouvir serve de principal a outra.

A illogicidade pôde vir por deslocamento do objecto:

Por ver o preço que no céu perdi
Se por dita acharei nos vossos mares
Lus. VI, 34

Pôde ocorrer ainda por transposição do adjuncto predicativo:

São offerecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros...
Lus. II, 76

Nesse passo a construcção logica seria: “os offerecimentos que o rei manda são verdadeiros e as palavras sinceras”.

Noutros casos o deslocamento do sujeito para junto do adjuncto predicativo faz suppôr haver transposição deste, como em:

Materia é de coturno e não de socco
A que a Nympha aprendeu no immenso lago...
Lus. X, 8

O deslocamento do adjuncto adverbial dá motivo tambem a syntaxe illogica.

Attente-se em VI, 45:

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua

onde a expressão circumstancial pertence a *sustentar*. Compare, IV, 13.

Em VII, 26, a transposição é mais estranha porque o adjuncto adverbial de uma oração passa para outra oração subordinada a ella:

Ouvindo (o Mouro) as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.

A ordem natural é: “ouvindo as oppressões (vexames) soffridas na passagem do mar, que o Lusitano lhe conta a.”

Em VIII, 7, o deslocamento a principio é duvidoso, mas se manifesta a mais detido exame:

Que o grande aperto, em gente inda que
A's vezes leis magnanimas quebranta.

A expressão *ainda que* annuncia uma oração a que pertence *gente*: “que o grande aperto quebranta, ás vezes, leis magnanimas ainda que *seja* em gente honrosa”. A prolepse do adjuncto realça immensamente a palavra de maior valor: *gente*. Iguaes exemplos ha em VIII, 19 e 23.

Outra fonte de illogicidade são as contaminações como nos mostra a estancia 20, do canto IV:

Cornelio moço os faz que compellidos
Da sua espada jurem que...

A construcção inanalysavel provém, como já notou Epiphanyo Dias, de duas outras perfeitamente logicas: a) *Cornelio os faz jurar que*; b) *Cornelio faz que elles jurem que*.

Entretanto, o maior viveiro de phrases illogicas nos classicos são, afóra os anacoluthos, as *ligações* com pronomes e adjectivos relativos.

Para operar taes connexões o espirito se vale de qualquer acrobacia desde que o sentido se salve.

Venus, entre as qualidades portuguezas comparaveis ás dos latinos, apontava a da lingua.

...na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é a latina.

A construcção é illogica. Para analysar-se cumpriria estivesse: “...a qual, quando nella imagina, crê Venus que é a latina”. Ainda assim haveria o deslocamento de *qual*, objecto da oração substantiva. Para fazer-se a connexão houve pois dois deslocamentos.

Vá mais um exemplo typico dessa illogicidade por força da connexão com os relativos. E' o que nos depára Thomás Antonio Gonzaga na *Iyra XXVIII*.

Mas este bom soldado cujo nome
Não ha poder algum que não abata
Foi, Marilia, somente
Hum ditoso pirata...

Esse passo é caracteristico por causa da intromissão do verbo *haber* com sujeito indeterminado.

Ahi *cujo nome* é o sujeito da oração de *abata*, cujo objecto directo é *que*, referente a *poder algum*.

A ordem logica só se poderia fazer por coordenação, assim: “esse bom soldado foi um ditoso pirata e não ha poder algum que o nome delle não abata”.

Este ultimo genitivo, unido ao *que*, sob a forma de *cujo* foi operar a ligação dando um absurdo syntactico, sem nenhum absurdo de sentido.

E são esses os typos mais communs de construcções illogicas, tanto quanto me tem suggerido a observação diaria. Possam outros completar estas apressadas notas em beneficio dos nossos estudantes e amadores do vernaculo.

José Oiticica

(Do “Correio da Manhã de 13-11-926.”)

CASA CIRIO
GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS
DENTARIOS

Perfumaria e cutilaria finas
Importação directa dos Estados Unidos
e Europa

JULIO BERTO CIRIO & Comp.
RUA DO OUVIDOR, 183

END. TELEG. CIRIO
RIO DE JANEIRO

TELEPHONE N. 1317 NORTE—CAIXA POSTAL N. 15

Tres Palavrinhas

BATAVO.—Esta palavrinha ouve-se muito frequentemente mal pronunciada. Pode-se mesmo dizer que a prosodia mais espalhada é a erronea, pois quasi todos os que têm necessidade de empregar-a dizem *bátavo*, accentuando a primeira syllaba. A celebre frase attribuida ao almirante hollandez (frase que não passa de fantasia historica) é dita enphaticamente: — *O Oceano é o unico tumulto digno de um almirante bá...tavo*. Pois a verdade é que o almirante era *batávo*. A quantidade da syllaba em latim exige esta rectificação, se bem que para muitos a frase só seja realmente bonita com aquelle proparoxytono, que singularmente concorre para a bravura, o destemor e a empáfia do estrangeiro nauta.

OUSIO.—A accentuação tonica de *ousio* (audacia) deve ser posta sobre o *i*. Não faz, porém, muitos dias ouvi dizer a alguém que jamais teria o *úsio* de se comparar com certo valente capitão... Pronunciou o homem varias outras vezes a palavra e sempre accentuando claramente a syllaba *ou*. Aqui fica o meu pro-

testo. Em qualquer dictionario será facil ver a accentuação tonica indicada, sem discrepancia. Vão, porém, dizer isto ao bravo militar que me falava e elle, que visivelmente sympathizou com o vocabulo (tanto assim que o empregou varias vezes na mesma conversa), achará que é menos audacioso um *ousio* do que um *ôusio*. Sua alma, palma.

SCHISMA.—A pronuncia mais geral desta palavra entre pessoas cultas é *cisma*. Não vale indagar se não seria mais correcto pronunciar *esquisma*. A verdade é que esta forma não prevaleceu. O que, entretanto, não me parece licito é admittir um novo schisma prosodico, tolerando a prosodia estapafurdia *xisma*. Já aqui tratei de *schema* e de *schisto*, condemnando a prodia *xéma* e só o não fazendo quanto a *xisto* por me parecer impossivel retomar o boa corrente em palavra tão divulgada. Não é o caso de *schisma*, *schismatico*, etc. em que por evolução natural (a mesma que se operou em *Catechismo*) o phonema grego *chi* passou a *ci*.

MESTRE-ESCOLA.

III -- Lições e exercicios

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

Como é feito o registo de nascimento e de obitos

Sempre que nasce uma criança, é necessario levar a registo a noticia de seu nascimento. Dizemos geralmente que é preciso "registrar" a criança. Trata-se do registo civil de nascimentos, instituido no Brasil a 7 de Março de 1888. O registo civil prova o nascimento, isto é, a existencia da pessoa.

Os nascimentos anteriores á instituição do registo civil são provados por meio dos assentamentos de baptismo.

O registo civil é coisa absolutamente necessaria e ninguem deve fugir a elle, seja deliberadamente, seja por descuido e desmazelo. O documento do registo civil de nascimento é o meio prompto e efficaz de provar alguém a idade que tem e a sua filiação.

A inscripção das crianças que nascem está a cargo de funcionarios do governo, denominados "officiaes do registo civil", No Rio de Janeiro e em outros logares o official do registo civil é sempre um escrivão ou escrevente de pretoria civil.

Nascida uma criança, dirige-se seu pae, ou outra pessoa devidamente autorizada, ao officio do registo e ahi presta suas declarações, dizendo que em tal dia, ás tantas horas, na casa situada em tal logar, nasceu a criança Fulana, do sexo masculino ou feminino (conforme o caso), a qual é filha de Fulano de Tal e Fulana de Tal. Se os paes forem casados civilmente, será declarado que a criança é filha legitima; se não, a filiação será illegitima. Declarará tambem os nomes dos avós paternos e maternos.

Taes declarações serão confirmadas por duas testemunhas e de tudo fará o official o devido assentamento no livro proprio.

As declarações devem ser feitas dentro de certo prazo do nascimento da criança, pelo pae, pela mãe

ou pelo parente mais proximo que se achar presente. Passado tal prazo, que varia, conforme a distancia, sendo de 15 dias no Districto Federal o registo se faz com multa. Muita gente, por ter incidido no excesso do praso, faz depois a declaração falseando a data, de sorte que não caia em multa, mas a criança fica assim para sempre com uma data official de nascimento que não é verdadeira. Ninguem deve deixar de comparecer dentro do praso legal para dar cumprimento á lei do registo.

A obrigação do registo civil existe mesmo no caso de nascer morta a criança, o que muita gente ignora.

Registada a criança, o official dá á pessoa que faz as declarações uma certidão do registo, documento que é a verdadeira "certidão de idade". O registo é gratuito; essa certidão, porém, paga uma pequena taxa.

As pessoas que não foram devidamente registadas, ou que não sabem onde o foram, são em geral obrigadas a grandes trabalhos e despesas quando precisam provar a idade e a filiação. Se foram registadas e não possuirem mais a certidão, poderão conseguir facilmente novo documento, desde que saibam onde se acham registadas.

Como se trata de documento importantissimo, convém que cada um de nós possua sempre um exemplar de sua certidão de idade.

Quando acontece não ter sido registada a pessoa, ou haver-se perdido a certidão e ser impossivel obter outra (casos de ignorancia do local, incendio do archivo do registo, grande distancia, etc.) pode ella obter um documento que venha supprir a mesma certidão, procedendo, perante um juiz, á "justificação de idade". Isto, porém, é dispendioso e nem sempre satisfaz inteiramente, por motivos que seria longo explicar-vos aqui. Para justificar perante um juiz a idade, comparece a pessoa em dia e hora



Elixir
de
INHAME

Impurezas do sangue,
molestias da pelle,
syphilis adquirida
ou hereditaria.

DEPURA - FORTALECE - ENGORDA

Tão saboroso como qualquer
licor de mesa

Elc. em 17-10-914 sob o N.º 255

Chocolate e café só

ANDALUZA**FABRICA**

RUA DOS ANDRADAS

Rio de Janeiro

que haja sido marcada pelo magistrado, acompanhada de duas testemunhas, as quaes declaram saber que o nascimento de Fulano de Tal se deu em tal dia, sendo seus paes F. e X. exactamente como se tratasse do registo civil. Comprehendeis perfeitamente que commetterá crime quem comparecer perante o juiz e fizer falsamente declarações de tal natu-

reza. Apesar disso, porém, ha casos infelizmente frequentes.

Assim como se faz em relação ao nascimento, tambem se procede quanto á morte. Fallecida uma pessoa, comparece alguém (geralmente um membro da familia), munido do "attestado de óbito" passado pelo medico assistente, e faz o registo da morte.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Historia

2º ANNO

Como se faziam as festas nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro

Antigamente era Junho um mez de alegria; havia tres santos a festejar: — Santo Antonio, S. João e S. Pedro: dias 13, 24 e 29.

Cada familia se dedicava especialmente a um delles ou por ser o padroeiro (santo do mesmo nome) de alguém de casa, ou por lhe dever algum milagre; mas não ficavam os outros desprezados.

Em geral, porém; a festa mais bonita era a de S. João, pois tinha tudo quanto as outras e algumas cousas mais — as sórtes.

Dias antes já as escravas estavam em azafama no preparo dos doces: queijadinhas, mæebentas, bolinhos de toda sorte, fructas em calda com cravo e canella que se não dispensavam, doces de ovos e côco os mais variados; as moças da casa ajudando e fiscalizando tudo, iam preparando as sórtes; e todas essas coisas eram feitas debaixo do maior contentamento.

Commentava-se sobre os convidados que viriam; os mais engraçados, os que melhor dansavam, o marcador de quadrilha, indispensavel — e nomes eram lembrados para novos convites.

Quando o chefe da casa era negociante, era costume irem a essas festas todos os empregados desde o mais graduado — o primeiro caixeiro — ao ultimo — o vassoura — assim chamado por ser quem varria o armazem.

Desde a vespera as senhoras e as crianças já estavam de papelotes nos cabellos para terem-nos bem crespos.

No dia, cedo, iam para cima da cama as roupas preparadas; as saias de baixo eram engommadas e com os babados em tyauté (pequenos canudos que se faziam com ferro proprio).

E os creados preparavam a fogueira, Anoitecia finalmente e começavam a chegar os convidados; a festa se fazia quasi toda ao ar livre junto á fogueira na qual se assavam batatas, canna, aipim, cará.

Tiravam-se as sórtes, organizavam-se jógos de prenda.

A' meia noite, alguns anciosos de saber o futuro, faziam a sorte do ovo. Abriam um ovo dentro de um copo com agua que punham á janella, ao sereno. De manhã iam ver o que havia e descobriam estar a clara disposta de modo a formar um tumulo, um véo de noiva ou qualquer outra coisa que tinham na imaginação.

As solteiras faziam tambem uma sorte para ver com quem casariam. Escreviam os nomes dos conhecidos solteiros em pequenos pápeis que enrolavam e punham dentro de uma bacia com agua.

O papel que amanhecesse aberto determinava o nome do que S. João lhe destinava para marido.

Os jardins eram enfeitados de copinhos e lanternas e durante toda a noite soltavam-se balões, foguetes, busca-pés, rodinhas, vulcões, chuviros, bichas, borboletas e uma infinidade de outros fógos de artificio.

As crianças brincavam de róda e cantavam:

Se S. João soubesse
Quando era o seu dia
Do Céu viria á Terra
Que milagres não faria!

Quando a fogueira começava a arrefecer, transformando-se em brazeiro, era a hora de saltal-a e todos queriam mostrar-se ageis, pulando-a.

A's vezes, dentro de casa tambem se dansava.

E deste modo entretinham-se até o alvorecer, numa satisfação simples e boa.

Na roça então eram as festas mais importantes pois as fazendas se enchiam de parentes e amigos do fazendeiro que vinham de longe para passar os festejos. E nos terreiros dansavam tambem os negros ao som do caxambú (grande tambor) improvisando quadras e cantando.

Hoje, aqui na cidade, existem apenas vestigios do que foram as festas de S. João, S. Pedro e Santo Antonio.

C. PADILHA

Geographia

Descrição da costa do Brasil

I—LITORAL SEPTENTRIONAL

Esta primeira secção comprehende o litoral do Pará, Piauí, Ceará e mais de metade do Rio Grande do Norte. Em varias subsecções podemos dividil-a, pelos caracteres physiographicos e assim vamos proceder.

O primeiro trecho vae do cabo Orange ao rio Pará e é caracterizado pela imprecisão do contorno e do modelado. Composto de elementos alluvionarios, principalmente de depositos de argilas e areias, é o solo de natureza inconsistente, cortado de canaes e canaletes, que communicam uns com os outros rios; inçado de lagos, rendilhado de ilhas, que são em geral ephemerias. Trabalhado incessantemente pelas marés

e pelos proprios rios, altera-se-lhe a configuração; ilhas são destacadas do continente, umas são bipartidas, outras multipartidas e ainda outras pouco a pouco destruidas, como que devoradas ou dissolvidas pelas aguas. Assim, as ilhas Caviana, Mexiana e outras estão sendo lentamente destruidas.

Poderoso agente de destruição e portanto da frequente modificação dos contornos e dos accidentes geographicos é o phenomeno da *pororoca*, de que mais por deante nos occuparemos minuciosamente.

O litoral neste trecho é tão baixo, que só a cerca de 24 kilometros se torna visivel do mar.

Apresenta-se em geral coberto de mangues; em um outro ponto, porém, despido de vegetação.

O segundo trecho desta secção é o que vae do rio Pará até a foz do Gurupi. Litoral quasi rectilíneo, com pouquissimas chanfraduras; monotono, coberto de dunas e pauperrimo de vegetação. Apresenta algumas ilhotas e bancos de areia.

Vem a seguir o trecho que se estende até o delta do Parnahyba. Neste trato já o litoral apresenta, ao contrario do que occorria no trecho anterior, longas curvas ou sinuosidades, bem como bahias, angras e enseadas, onde desembocam alguns rios consideraveis.

Ha ainda dunas, mas a vegetação já é digna de nota. Na parte entre o Gurupi e a bahia de São José, ha ilhotas em numero bastante elevado, rodeadas de bancos de areia. Depois da bahia de São José, até o delta do Parnahyba, estende-se a costa por cerca de 100 milhas muito monotona e arida. São praias de areia branquissima, denominadas *Lençoes Grandes* e *Lençoes Pequenos*, separados uns dos outros pelo rio Preguiça.

Já neste trecho, como no que se segue é observado o curioso phenomeno da «incurvação» dos estuarios dos rios para o Oeste. Vão-se os estuarios encurvando para a banda occidental graças á acção dos ventos alizios que, soprando de Sueste, vão accumulando a areia nas margens orientaes, fazendo-as crescer e ahí formando dunas e bancos. As margens orientaes são, por isso, aridas e nuas, ao passo que nas occidentaes, livres da areia carregada pelo vento, e que

câe dentro das aguas, se desenvolve a vegetação. Nos orientaes, formam-se extensos pontaes, que vão alongando os estuários; as occidentaes são naturalmente encurvadas, convexas. Este phenomeno do «encurvamento» dos estuários foi pela primeira vez consignado por Saldanha da Gama, em seu conhecido estudo do litoral, publicado em Geographia de Wappaes.

Vamos agora fazer a descripção topographica minuciosa, de Norte a Sul, desta primeira secção do litoral.

OTHELLO REIS.

ARITHMETICA

Problemas

1.º ANNO

I—Um carregador transportou 2 saccos de carvão, um de cada vez, da carvoaria em que estava empregado á casa de um freguez, a 20 metros de distancia. Quantos metros andou? Andou: $20^m \times 4 = 80$ metros.

II—Um negociante comprou duas peças de panno—uma com 20 metros, outra com 45. Vendeu 12 metros da 1a., 23 da 2a. Quantos metros tem ainda?

Nº de metros comprados:

$$20^m + 45^m = 65^m.$$

Metros que vendeu:

$$12^m + 23 = 35^m.$$

$$\text{Tem ainda: } 65^m - 35^m = 30^m.$$

III—Lise ganhou duas duzias de maçãs. Fez presente da 4a. parte.

Quantas fructas possui?

$$\text{Maçãs recebidas: } 12 \times 2 = 24.$$

$$\text{Deu: } 24 \div 4 = 6 \text{ maçãs.}$$

$$\text{Tem: } 24 - 6 = 18 \text{ maçãs.}$$

2º ANNO

I—Cecy tem 18\$000. Elza tem menos 4\$000 do que Cecy. Lucia possui

tanto quanto suas duas maninhas.

Que quantia possui as tres?

$$\text{Elza possui: } -18\$000 - 4\$000 = 14\$000.$$

$$\text{Lucia possui: } 18\$000 + 14\$000 = 32\$000.$$

$$\text{As tres possuem: } 18\$000 + 14\$000 + 32\$000 = 64\$000.$$

II—Tres pessoas repartiram entre si 450\$000. A 1a. ficou com 120\$000; a 2a. recebeu mais 85\$000 do que a 1a. E a 3a.?

$$\text{Quantia da 2a.: } 120\$000 + 85\$000 = 205\$000.$$

$$\text{A 1a. e a 2a. receberam: } 120\$000 + 205\$000 = 325\$000.$$

$$\text{Restam para a 3a.: } 450\$000 - 325\$000 = 125\$000.$$

III—Um negociante vendeu por 413\$400, lucrando 180\$000, tres peças de panno. A 1a. peça foi comprada por 80\$000, a 2a. por 75\$600. Quanto pagou o negociante pela 3a. peça?

$$\text{Importancia da compra das tres peças: } 413\$400 - 180\$000 = 233\$400.$$

$$\text{Custo das duas primeiras: } 80\$000 + 75\$600 = 155\$600.$$

$$\text{Pagou pela 3a.: } 233\$400 - 155\$600 = 77\$800.$$

3.º ANNO

I—Uma peça de morim custa 46\$000 e tem 20 metros. Com 83\$950 quantos metros desse morim poderei comprar?

$$\text{Preço de } 1^m: 46\$000 \div 20 = 2\$300.$$

$$\text{Nº de metros que poderei comprar: } 83\$950 \div 2\$300 = 36^m 5.$$

II—Uma senhora foi a uma loja onde gastou 396\$000 comprando igual numero de metros de velludo e crépon. Sabendo-se que todo o velludo custou 300\$000 e que 1m. de crépon custou 8\$000, pergunta-se o preço de 1m. de velludo.

Preço de todo o crépon:

$$396\$000 - 300\$000 = 96\$000.$$

Nº de metros de crépon ou velludo: $96\$000 \div 8\$000 = 12^m.$

Custo de 1m. de velludo: $300\$000 \div 12 = 25\$000.$

III—Gastei 120\$000 comprando igual n. de metros de cambraia de linho e de opala, esta no valor de 48\$000. Sabendo-se que 1m. de opala custa menos 4\$000 do que 1m. de linho, calcular o n. de metros que comprei de cada fazenda.

$$\text{Custo da cambraia: } 120\$000 - 48\$000 = 72\$000.$$

$$\text{Diferença entre o preço de todo o linho e toda a opala: } 72\$000 - 48\$000 = 24\$000.$$

$$\text{Diferença entre o preço de um metro de linho e 1 metro de opala: } 4\$000.$$

$$\text{Nº de metros de opala ou de linho: } 24\$000 \div 4\$000 = 6^m.$$

4.º ANNO

I—Qual a superficie das faces de um cubo, medindo $0,^{m2}0564$ cada uma? Superficie das 6 faces:

$$0,^{m2}0564 \times 6 = 0,^{m2}3384.$$

II—Um cubo tem $37,^{dm2}50$ de superficie; Qual a superficie de uma face?

$$\text{Superficie de uma face: } 37,^{dm2}50 \div 6 = 6,^{dm2}25.$$

III—Um cubo mede $2,^m30$ de aresta. Qual a superficie total de suas faces?

$$\text{Superficie de uma face: } (2,^m30)^2 = 5,^{m2}29.$$

$$\text{Superficie das 6 faces: } 5,^{m2}29 \times 6 = 31,^{m2}74.$$

IV—As paredes de uma sala medem, incluindo portas e janellas, 62^{m2} . Pergunta-se o perimetro da sala,

sabendo-se que a altura é de 4 m. Perimetro da sala: $62^{m2} \div 4^m = 15,^m5.$

V—As paredes de uma sala medem $59,^{m2}50$. Sabendo-se que a altura mede $3,^m5$ e a larg. $4,^m$ avaliar o comprimento. Perimetro da sala: $59,^{m2}50 \div 3,^m5 = 17$ metros.

Meio perimetro e, portanto, uma vez largura e comprimento:

$$17^m \div 2 = 8,^m5.$$

$$\text{Comprimento, conhecida a largura (4m) } 8,^m5 - 4^m = 4^m5.$$

OUTRA SOLUÇÃO

Superficie das duas paredes comprehendidas entre largura e altura:

$$(4^m \times 3^m5) 2 = 14^{m2} \times 2 = 28^{m2}.$$

Superficie das duas paredes comprehendidas entre comprimento e altura:

$$59,^{m2}50 - 28^{m2} = 31,^{m2}50.$$

Superficie de uma dessas mesmas paredes: $31,^{m2}50 \div 2 = 15,^{m2}75.$

$$\text{Comprimento: } 15,^{m2}75 \div 3,^m5 = 4^m5.$$

5.º ANNO

I—Juntando ao numero 60— $1/4$ de um outro numero forma-se o numero 66. Qual é esse numero?

$$\frac{1}{4} \text{ do nº em questão: } 66 - 60 = 6.$$

Todo o nº, representando-o pela fracção unidade $4/4 - 6 \times 4 = 24.$

II—Tirando $\frac{2}{6}$ de uma peça de panno

tenho mais $4,^{m0}5$ do que se tirar $\frac{1}{4}$ Quantos metros ha em toda a peça?

Fracção correspondente á differença entre os dois pedaços de panno e, portanto, a $4,^m05.$

$$\frac{2}{6} - \frac{1}{4} = \frac{1}{12}$$

Extensão de toda a peça, represen-

tando-a pela fracção-unidade $\frac{12}{12}$.

$$4,^m 05 \times 12 = 48,^m 60.$$

III—Um homem dividiu sua fortuna, dando $\frac{1}{4}$ a um sobrinho, $\frac{3}{7}$ a um afilhado e o resto aos pobres. O afilhado recebeu mais do que o sobrinho, 2:500\$000. Qual o valor de cada parte?

Fracção correspondente á quantia que o afilhado recebeu mais do que o sobrinho e, portanto, a 2:500\$000:

$$\frac{3}{7} - \frac{1}{4} = \frac{5}{28}$$

Valor da unidade fraccionaria: $\frac{1}{28}$:

$$2:500\$000 \div 5 = 500\$000.$$

Valor de toda a fortuna, represen-

tada pela fracção-unidade $\frac{28}{28}$:

$$500\$000 \times 28 = 14:000\$000$$

Herança do afilhado:

$$\frac{3}{7} \text{ de } 14:00\$000 = 6:000 \$000$$

Herança do sobnho:

$$\frac{1}{4} \text{ de } 14:000\$000 = 3:500\$000$$

Parte dos pobres:

$$14:000\$000 - (6:000\$000 + 3:500\$000) = 4:500\$000$$

6.º ANNO

I—Um cubo tem $7,^m 26$ em toda sua superficie externa. Qual a aresta?

$$\text{Superficie de uma face } \frac{7,^m 26}{6} = 1,^m 21$$

$$\text{Aresta: } \sqrt[3]{1,^m 21} = 1,^m 1$$

II—Uma caixa de forma cubica mede nas suas faces $0,^m 4704$.

Que despeza se fará para revestir todas as suas arestas com uma guarnição que custa 1\$800 o metro, sabendo-se que as emendas desperdiçam $0,^m 15$?

$$\text{Superficie de um face } \frac{0,^m 4704}{6}$$

$$= 0,^m 0784$$

$$\text{Aresta: } \sqrt[3]{0,^m 0784} = 0,^m 28$$

$$\text{Extensão a guarnecer: } 0,^m 28 \times 12 = 3,^m 36$$

$$\text{Galão necessario: } 3,^m 36 + 0,^m 15 = 3,^m 51$$

$$\text{Despeza — } 1\$800 \times 3,51 = 4\$318.$$

III—Para ladrilhar uma copa foram precisos 360 ladrilhos quadrados de $0,^m 0121$. Sabendo-se que no comprimento ha 20 ladrilhos, calcular a larg. da sala.

$$\text{Lado de cada ladrilho — } \sqrt{0,^m 0121} = 0,^m 11$$

$$\text{Comprimento da sala — } 0,^m 11 \times 20 = 2,^m 20$$

$$\text{Superficie: — } 0,^m 0121 \times 360 = 4,^m 3560$$

$$\text{Largura — } 4,^m 3560 \div 2,^m 20 = 1,^m 98$$

7.º ANNO

I—Um machinista costumava fazer um percurso de 182 km, em 4 horas justas; devido, porém a um pequeno desarranjo na locomotiva que dirigia, gastou nesse percurso 4 h. e 20^m. De quanto foi diminuida a velocidade por hora?

Distancia percorrida em uma hora com a machina em perfeito estado: $182 \text{ km} \div 4 = 45, \text{ km} 2$

Em um minuto: $45, \text{ km} 2 \div 60 = 0, \text{ km} 7 53$

Nº de minutos gastos no trajecto: em 250, ^m distancia entre as duas cidades: $0,^{\text{km}} 812 \times 250 = 203 \text{ km}$.

Distancia percorrida em um minuto: $182^{\text{km}} \div 260 = 0,^{\text{km}} 7$

Diferença de velocidade em um minuto, devida ao desarranjo da locomotiva: $0,^{\text{km}} 753 - 0,^{\text{km}} 7 = 0,^{\text{km}} 053$

Velocidade diminuida por hora: $0,^{\text{km}} 053 \times 60 = 0,^{\text{km}} 318$

O rapido paulista que parte ás 11^h e 40^m de S. Paulo e chega em Aparecida ás 16^h e 15^m gasta 25 minutos em paradas nas estações intermediarias. Sabendo-se que a velocidade desse trem é de 48, ^{km}72 a hora, pergunta-se a distancia entre as duas estações.

Tempo gasto de S. Paulo a Aparecida: $16^{\text{h}} \text{ e } 15,^{\text{m}} - 11^{\text{h}} \text{ e } 40,^{\text{m}} = 4^{\text{h}} \text{ e } 35,^{\text{m}}$

Tempo que o comboio esteve em marcha: $4^{\text{h}} \text{ e } 35,^{\text{m}} - 25,^{\text{m}} = 4^{\text{h}} \text{ e } 10,^{\text{m}}$ ou $(60^{\text{m}} \times 4) + 10^{\text{m}} = 250$ minutos.

Distancia percorrida em um minuto: $48,^{\text{km}} 72 \div 60 = 0,^{\text{km}} 812$.

N.º, de km. percorridos pelo rapido

Um trem directo de Cascadura a D. Pedro II, esta distantes 16 km., partiu daquela ás 4^h e 5^m devendo chegar a D. Pedro II ás 4^h e 25^m. Tendo, porém, ficado retido exactamente no meio da viagem durante dois minutos, de quanto deve aumentar dahi por diante a velocidade para chegar dentro do horario?

Tempo marcado pelo horario para ir de Cascadura a D. Pedro II: $4^{\text{h}} \text{ e } 25,^{\text{m}} - 4^{\text{h}} \text{ e } 5,^{\text{m}} = 20,^{\text{m}}$.

Velocidade por minuto: $16^{\text{km}} \div 20 = 0,^{\text{km}} 8$ km. feitos com a velocidade normal: $16^{\text{km}} \div 2 = 8 \text{ km}$.

Tempo que lhe resta para vencer outra metade do trajecto: $10^{\text{m}} - 2 = 8^{\text{m}}$

Velocidade por minuto com que tem de fazer a 2ª metade da viagem: $8^{\text{km}} \div 8 = 1 \text{ km}$.

Augmento de velocidade por minuto: $1^{\text{km}} - 0,^{\text{km}} 8 = 0,^{\text{km}} 2$.

SEBASTIANA FIGUEIREDO.

Lingua Patria

Acaba de sair dos prelos a 2ª edição do Segundo e Terceiro livros de Lingua Patria, pelo Prof. A. Joviano.

Preço de cada exemplar 5\$000 — A venda na Livraria Francisco Alves e suas filiaes.

Parnaso Infantil

de OSORIO DUQUE ESTRADA

(DA ACADEMIA DE LETRAS)

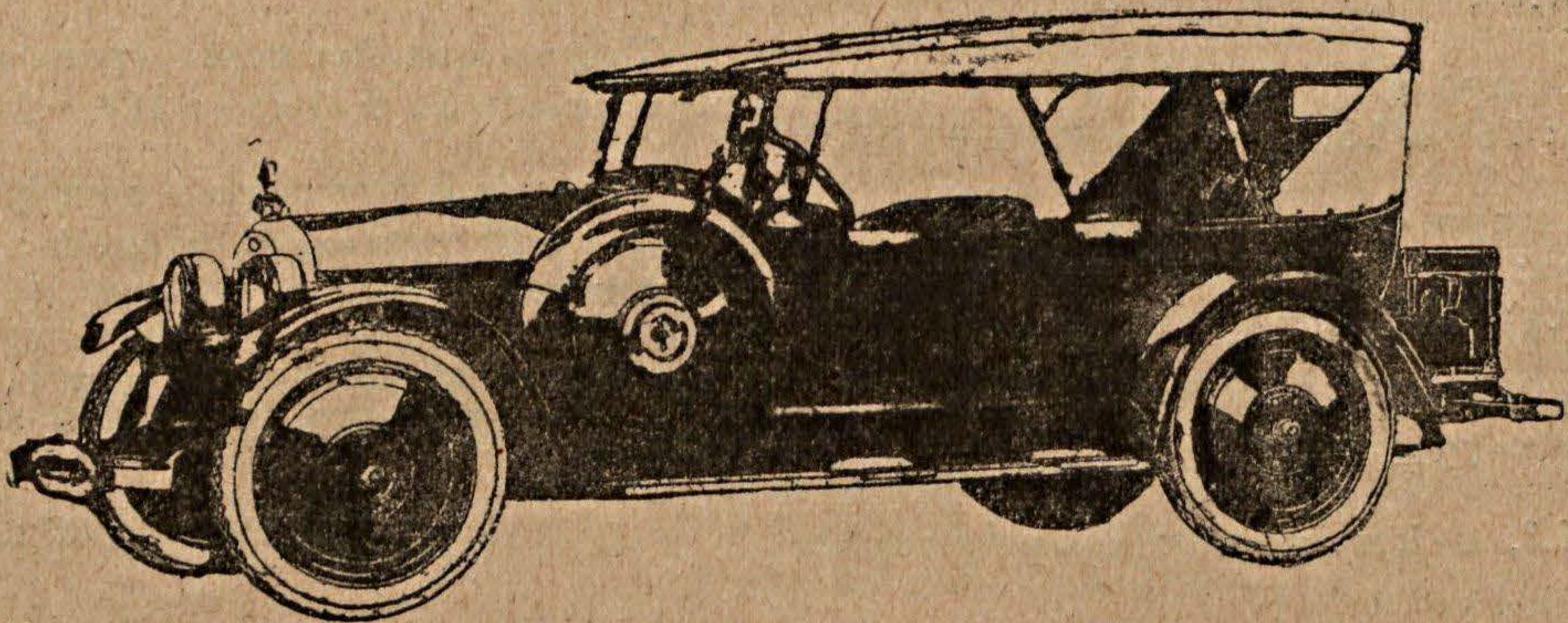
A venda nas principaes LIVRARIAS

“NASH” o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia.

O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares

VENDAS A LONGO PRAZO



Os novos modelos dos carros NASH de 4 a 6 cylindros

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima

Rua dos Benedictinos, 1 a 7

(Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO